

O Labirinto da Saudade, Eduardo Lourenço

Pobres, saímos de casa para servir povos mais ricos e organizados do que nós. Nenhum Camões [...] se lembrou de tematizar, como conviria, esta “gesta” de um tipo novo. [...] O resultado “feliz” (relativamente) da moderna emigração não pode fazer-nos esquecer o *fenómeno-miséria* de que é inseparável à partida. Desta miséria, ou antes, do sofrimento físico ou moral com que o emigrante paga a riqueza “regeneradora” da pátria ausente [...]. A imagem do mal que o emigrante passa lá fora consola de algum modo a nossa vaidade pátria e por isso se evoca com tanta complacência silenciando-se aquela que realmente humilha, por intolerável. [...] A emigração moderna [...] é um fenómeno complexo que põe em causa, a diversos níveis, de maneira indirecta, a imagem de nós mesmos mas por isso deve ser apreendida *na sua verdade*, de maneira adulta e não servir de pretexto como serve a muita gente, a fantasmas colectivos, uns positivos, outros negativos, que têm pouco a ver com ela e tudo com a boa ou a má consciência com que aqueles que não emigraram a utilizam. E dessa verdade faz parte integrante esta evidência imensamente triste e imensamente justa: milhares e milhares dos nossos compatriotas – e em particular os seus filhos – são *felizes* lá fora, ou pelo menos, já tão inseridos na trama dos povos que os acolheram que a ideia mítica de regresso a Portugal só a isso se resume. Insinuar o contrário é mentir ou querer iludir-se, e era bom que uma boa parte da “ideologia” da assistência cultural ao emigrante tivesse em conta, mais do que é costume, uma realidade pouco grata ao nosso amor próprio de povo criador de povos, hoje solicitado a fundir-se em outros sem regresso possível.